

Terena reivindica apoio dos negros

Com o voto de uma parteira negra, Maria Leôncia, para o lugar que ela deixou aberto na chapa "oficial" homologada pela Convenção do Partido Democrático Trabalhista (PDT) o índio Marcos Terena, piloto de avião e secretário especial para Assuntos Indígenas, do Ministério da Cultura, se credencia para a disputa a uma vaga na futura Assembléia Nacional Constituinte, representando Brasília.

Para ele, negros e índios estão na mesma situação e a parteira do Gama soube, com despreendimento, situar bem o problema. Diz Terena que na condição de candidato índio não terá dificuldades para sensibilizar não somente os negros mas todos os que se sentem marginalizados no Distrito Federal. E vai mais longe, ao não achar nada difícil sensibilizar também a classe média, tida por ele, como ligada aos problemas nacionais e locais e que funciona como uma espécie de termômetro social.

Seu argumento é de que na classe média estão as pessoas que fazem os sindicatos, os jornais, que fazem as análises e estudos para o Governo, são as pessoas que estão por dentro das notícias, que procuram ler bons livros e assistir a bons filmes. Esta faixa da população, no seu entender, é que mais se movimenta em favor da causa indígena e certamente verá nele o representante adequado.

O apoio esperado dos marginalizados se fundamenta na identidade localizada pelo candidato entre a situação das camadas mais desfavorecidas da sociedade brasileira e as populações indígenas. Ambas estão no mesmo barco, à deriva. Para ilustrar sua afirmação, lembra que os pioneiros construtores das avenidas, superquadras, edifícios, praças, avenidas e jardins foram expulsos para bem longe, para as cidades satélites, logo que chegaram, após a inauguração da capital federal, as elites detentoras do poder.

Diz Terena que, como seus ancestrais indígenas, os pioneiros foram obrigados a abandonar a terra em que trabalharam, as moradias que construiram para deixá-las ocupadas pelos novos senhores. Desse modo, índios e pioneiros marginalizados, podem ver nele a possibilidade de terem voz no Congresso Nacional.

Garante ele que o eleitor candango não vai elegê-lo

simplesmente por que ele é índio, mas porque ele se posiciona como "um índio comprometido com a causa indígena e, por consequência, com a causa das faixas mais carentes e desprivilegiadas da sociedade".

Reconhece, com humildade, que o peso eleitoral da população indígena no Distrito Federal é insignificante, próxima de zero, mas a população brasileira, principalmente sua parcela mais representativa, a população brasiliense, precisa compreender que o índio necessita de fazer-se representar na futura Assembléia Nacional Constituinte, pois há já um consenso nacional de "precisamos mudar este País".

Embora índio não tenha voto, Marcos Terena diz que sua candidatura sem apoio de seu povo não tem sentido.

Nega querer repetir a trajetória de Mário Juruna, o primeiro índio a chegar ao Congresso Nacional. Seu companheiro de partido, na opinião de Terena, teve um papel muito importante na história da luta indígena no País. "Com o gravador, ele provocou rachas no sistema fechado da Ditadura Militar. Ele parecia não ter medo de nada. "Mas depois, o parlamentar xavante tornou-se vítima do esquema, passando a uma atuação isolada em distonia com os interesses da comunidade indígena.

Mas há de se reconhecer — esclarece Marcos Terena — que Mário Juruna foi o ponto de partida, a trilha aberta para que outras lideranças indígenas aspirassem chegar ao Parlamento Nacional. Nas outras unidades da Federação outros índios lutam para chegar à Assembléia Nacional Constituinte, como Biraci Brasil, índio Yawanauá, no Estado do Acre e Alvaro de Sampaio, (índio Tucano) no Amazonas, além de Idijarri (índio Karajá) no Estado de Goiás.

Na Constituinte sua principal plataforma de luta será a garantia de terras para a sobrevivência não sómente do índio mas de todos os que tem no campo e na floresta seu modo de vida e de cultura. Ele quer tratamento de igual para igual entre a sociedade envolvente (civilizados) e as populações indígenas, com dignidade e respeito, sem assistencialismo e paternalismo. Que o índio possa dizer para o civilizado: "Olha, eu posso ser como você sem deixar de ser o que sou".